



Saudades do amigo

Antonio Carlos Tarquínio

Depois da milésima tentativa de tradução de algum texto de Epicteto que estivesse estudando no momento – eu sempre ligava para o Guilherme. Meu amigo. Meu professor de grego.

No quarto ou terceiro dia, já não me lembro muito bem, em que assistia aula de grego no mosteiro de São Bento, o professor se aproximou de mim e me dirigiu a palavra: - você não é o Antonio? Respondi – Sim, sou. Você não tem uma cachorrinha com o nome ariana? Respondi atônito – Uai, sim. Sou eu, Antonio, o Guilherme.

Havíamos estudado juntos anos atrás fazendo mestrado num curso de filosofia de uma grande universidade. Ele estudava Heidegger. Eu, Epicuro, depois de uma pequena paixão pelo filósofo alemão.

Como teve problemas com o curso, acabou por abandoná-lo, se mudando para o de letras em outra universidade de renome, se especializando em grego e latim.

Meu Deus! Eu havia me esquecido completamente dele!...

Com o desenrolar do tempo passamos a estudar grego em sua casa. Demos muita risada juntos e também brigamos bastante. Mas o fato é que ele sempre foi um cara muito generoso. Permaneci alguns anos nesse caminho com ele.

Mesmo depois de ter deixado de frequentá-lo, quando encontrava obstáculos na língua dos grandes filósofos e dos Evangelhos, entrava em contato e às vezes falávamos por longo tempo. E foi justamente num desses momentos de socorro que sempre me prestava que me ensinou uma lição para toda vida.

Eu havia empacado num trecho da obra de Epicteto e não tinha Cristo que me tirasse de lá - foi quando o Guilherme me disse:

- Antonio, você está vendo errado o texto, você está tomando a coisa de um jeito que emperra mesmo. Dê um tempo. Largue isso por agora. E só retome amanhã.

Dito e feito. No outro dia pela manhã volvi ao texto e, para minha surpresa, através de novo olhar, transpus a dificuldade assim sem mais...

Hoje percebo claramente que o Guilherme ensinava-me Epicteto sem saber:

Cada coisa tem duas asas: uma por onde pode ser tomada e outra por onde não o pode. Por exemplo, se o <<teu>> irmão for injusto <<contigo>> não tomes por aí, isto é, porque ele é injusto (pois esse é um modo inadequado de tomá-lo), mas antes por aqui: por que ele é teu irmão, porque ele é teu companheiro – e assim o tomarás de modo adequado.¹

¹ Epicteto. **Manual de Epicteto**. (*Apotegmas da sabedoria estoica*), XLIII. Trad. Doutor Aldo Dinucci.